

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

BEATRIZ BRANCO

Suicídio entre mulheres no Brasil: uma revisão de literatura

UBERLÂNDIA

2019

BEATRIZ BRANCO

SUICÍDIO ENTRE MULHERES NO BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador/a: Neftali Beatriz Centurion

UBERLÂNDIA
2019

BEATRIZ BRANCO

SUICÍDIO ENTRE MULHERES NO BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de Psicologia da
Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito parcial à obtenção do
Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador/a: Neftali Beatriz Centurion

Banca Examinadora

Uberlândia, 5 de dezembro de 2018

Profa. Ms. Neftali Beatriz Centurion (Orientador)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Profa. Dra. Marciana Gonçalves Farinha
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dr. Nilson Berenchtein Netto
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dra. Tatiana Benevides Magalhães Braga
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

UBERLÂNDIA

2019

Resumo

O seguinte trabalho buscou compilar o material publicado e disponível sobre o suicídio feminino no Brasil, de forma a melhor compreender a seriedade da questão e as especificidades de novas pesquisas na área. Realizou-se uma revisão de literatura integrativa, onde foram analisados 13 artigos das bases de dado SciELO-Brasil, PePSIC e LILACS, no intervalo dos anos de 2013 a 2018, sob os descritores “mulheres” e “suicídio”. Foi observado o predomínio de publicações em periódicos de saúde pública e/ou coletiva, além de uma maior quantidade de publicações entre os anos de 2013 e 2014 e da predominância de artigos qualitativos. Cerca de metade dos artigos analisados teve como foco a relação entre suicídio/tentativas de suicídio e violências cotidianas, e 4 dos 13 artigos trabalharam com mulheres expostas a medicamentos e/ou intoxicadas como amostra. Dos 13 artigos, 5 se utilizaram de entrevistas semiestruturadas como instrumentos, e 8 realizaram suas pesquisas na região Sul do país. Destaca-se aqui a importância da realização de novas pesquisas na área para maior elucidação do problema do suicídio feminino no Brasil.

Introdução

Quando eu tinha dezesseis anos, me deparei com a frase “a morte é pacífica” escrita na porta de um dos banheiros de minha antiga escola. A frase estava em um dos cantos da porta em meio a tantas outras frases e desenhos, escrita em letras miúdas com caneta preta, de forma tímida e tremida, quase como um sussurro para ninguém em particular, e realmente o era.

Eu nunca soube quem foi a garota que escreveu aquela frase e também nunca soube o que a levou a fazê-lo, mas por anos a afirmação me acompanhou e com ela as conjecturas que fiz naquela época e continuei a fazer com o passar do tempo. Sempre questioneei o que leva um indivíduo a acreditar que a morte, tema tabu e alvo de discórdia e medo, poderia ser pacífica ou, quem sabe, até mais interessante e menos dolorosa do que a própria vida.

O dicionário Michaelis On-line (2015) define “morte” como:

“1 O ato de morrer; fim da vida. 2 Cessação definitiva da vida para o ser humano; falecimento, passamento, trespasse. 3 Ato ou efeito de matar. 4 [com inicial maiúscula] Ser imaginário representado por um esqueleto humano que carrega uma foice. 5 [REL] Passagem da alma, que estava ligada ao corpo material, para o plano espiritual. 6 [FIG] Intensa angústia.”

Da mesma forma, define também o termo “suicídio” como ato ou efeito de suicidar-se, e também como “ruína ou desgraça, provocada em si mesmo, espontaneamente ou por falta de discernimento” (Michaelis, 2015). Essa definição não coincide com a de Émile Durkheim (2000), que chama de suicídio “todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado” (Durkheim, 2000, p.14).

Nagafuchi (2017) afirma que a vida e a morte fazem parte da linguagem e do cotidiano das pessoas nos mais diversos sentidos, seja por meio de significados, sinonímias ou sentimentos. O autor traz também que muitas mortes geram muita comoção, ao passo que outras passam despercebidas, assim como muitas pessoas consideram a vida como um presente e querem vivê-la intensamente, enquanto outras preferem uma experiência mais tranquila. De toda forma, na maior parte do tempo não temos consciência e nem refletimos sobre estarmos vivos, e seguimos apenas vivendo.

Pensando nisso, podemos afirmar então que não há dúvidas sobre a relevância da questão da morte em nossa sociedade e, em especial, o fenômeno do suicídio. Nagafuchi (2017) diz que o suicídio comunica porque diz algo a um ou a vários outros, sendo, portanto,

um ato social, e que estudar o suicídio equivale a capturar aquilo que há de invisível por detrás da cortina de tabus e preconceitos.

Há também a problemática crescente das taxas de suicídio em países de baixa e média renda – entre os quais se inclui o Brasil –, visto que esses países contam com menos ferramentas para acompanhar a demanda de assistência à saúde, em especial a mental, o que os faz menos capacitados a prevenir e combater o suicídio. Além disso, em sua maioria são locais que contam com poucos serviços e de difícil acesso, uma vez que os recursos econômicos distribuídos para a questão são escassos (Barros, 2013).

Discorrendo sobre Ariès (1977a), Kovács (2003) explicita que ao longo dos séculos, a noção de morte sofreu grandes transformações conforme paradigmas sociais, religiosos e políticos. O que era descrito até o século XIX como uma morte domada, tranquila e rodeada de amigos e familiares, com a possibilidade do indivíduo de colocar os assuntos em ordem e despedir-se da vida terrena, por exemplo, posteriormente no século XX torna-se uma morte invertida, no sentido de que se apresenta como salubre, hospitalizada, solitária e silenciosa (Ariès, 1977a, como exposto por Kovács, 2003).

A noção social sobre a questão do suicídio igualmente sofreu grandes modificações no decorrer da história da humanidade. Em um primeiro momento, o ato de tirar a própria vida era visto somente como uma forma de morrer, e é a partir dos seminários de Agostinho de Hipona, no século V, que o suicídio toma uma conotação pejorativa e pecaminosa. Na Idade Média o ato passa a ser considerado crime por prejudicar os interesses financeiros da Coroa, e posteriormente a esse período, a figura do médico traz a imagem da morte autodirigida como patológica e um sinal de insanidade (Berenchtein Netto, 2013).

Novamente sobre Ariès (1977a), Kovács (2003) traz que mais do que isso, no século XXI sofre-se então com um paradoxo. Ao mesmo tempo em que se quer evitar a morte a todo custo, acorrentando-a aos ambientes hospitalares e afastando-a das crianças e dos jovens, silenciando os moribundos e depositando todas as energias em acreditar em nossa própria imortalidade, os telejornais, os programas de TV e as redes sociais se encarregam de exibir torrencialmente imagens, cenas e histórias de morte e violência, alternando-as com propagandas de amenidades e jogadas de marketing, banalizando a morte de milhares de pessoas, em sua maioria pobres, negros e jovens.

Crianças e adolescentes do século XXI estão crescendo cercadas pela morte, mas sem poder falar sobre ela, cobertas dos pés a cabeça de apologias à violência, mas sem poder discutir sobre moral, ética e o valor da vida. Não é surpresa, então, que todos os anos os

números de diagnósticos de transtornos mentais cresça exponencialmente, em sua maioria a depressão e os transtornos de ansiedade. (Kovács, 2003).

No caso das mulheres, a jornada dupla de trabalho entre o que se faz dentro e fora da esfera doméstica e a falta de compreensão dos cônjuges em relação ao esforço feminino leva ao aumento do estresse e dos problemas dentro de casa. Assim, a maior parte das pessoas acometidas por depressão e outros distúrbios são as mulheres, dada a sobrecarga de atividades que prejudica sua saúde física e mental (Leite & Noronha, 2015).

Além disso, e no que diz respeito ao sexo feminino, historicamente vemos mulheres sendo diminuídas e violentadas, e tendo seus direitos violados frente a seus familiares, seus cônjuges, seus empregos e em seu âmbito social pelo simples fato de serem mulheres e por uma construção milenar de dominação do masculino sobre o feminino.

Leite e Noronha (2015) trazem que esse tipo de violência é um problema que não faz distinção de classes sociais, escolhas religiosas ou etnia, e sem dúvidas é um reflexo histórico de antigas sociedades patriarcais baseadas no machismo e na exclusão da mulher dos âmbitos sociais, políticos e financeiros das instituições. Privava-se a mulher do direito à educação, ao trabalho e às decisões domésticas de forma a colocá-la a mercê de um homem que a proveesse – preferencialmente um pai ou marido. Assim, toda violência e abuso perpetrados no contexto feminino eram legitimados pela conjuntura sociopolítica vigente.

O preconceito sofrido pelas mulheres por serem consideradas inferiores aos homens se estende através de diversas sociedades, embasando-se em motivos dos mais diversos, como a estrutura física das mulheres em comparação aos homens, sua capacidade de gerar filhos e as atividades pelas quais se tornavam responsáveis. Nas tribos antigas, por exemplo, mulheres coletavam e homens caçavam, e embora a coleta fosse mais importante do que a caça para a sobrevivência da espécie, eram os homens quem obtinham maior prestígio pelo serviço realizado (Leite & Noronha, 2015).

Da mesma maneira, nas antigas civilizações orientais o marido possuía sua mulher como uma propriedade, e havia uma forte organização patriarcal de comando do espaço familiar em conjunto com seus descendentes homens. Na civilização hebraica a mulher era igualmente submissa ao homem e o adultério feminino era punível com a morte. Em Atenas, as mulheres eram conhecidas por sua subserviência ao marido, colocadas em um lugar de zeladoras do lar e dos filhos, modelo rapidamente apropriado pela igreja católica como o molde correto para se ser mulher aos olhos de Deus (Leite & Noronha, 2015).

Em relação à igreja católica, Leite e Noronha (2015) destacam também que às mulheres só eram oferecidas duas escolhas, sendo elas casar-se com um homem escolhido por

sua família ou entregar-se aos cuidados de um convento. Independentemente de sua escolha, não lhes era permitido estudar e suas funções se resumiam a aprender a desempenhar tarefas domésticas de forma a agradar seus novos cônjuges. Assim, na igreja elas aprendiam a se vestir corretamente, se comportar em público e agradar seus maridos, de forma a servir aos homens à sua volta e a obedecer. Caso recusassem a união matrimonial, essas mulheres ficariam à própria sorte, recorrendo à vida nas ruas e possivelmente à prostituição.

Não foi até recentemente que as mulheres adquiriram o direito ao voto, ao trabalho e à maternidade independente, e mesmo assim essas são pequenas conquistas frente ao gigantesco vazio que existe entre os gêneros e a visão que se tem de homens e mulheres em nossa sociedade (Leite & Noronha, 2015). Para Nagafuchi (2017), como a desigualdade é considerada como dada, ela não é discutida, e, portanto, a mulher ainda ganha menos do que o homem, ainda ocupa menos posições de chefia e ainda sofre mais violência em casa e na rua somente por ser mulher, fatos que tornam a igualdade de gênero um “por acontecer” que nunca se deu.

A pressão em relação aos indivíduos no que diz respeito aos seus papéis de gênero é enorme, especialmente na atualidade, onde buscar a quebra desses estereótipos parece ser uma enorme transgressão que gera ruptura na lógica biopsicossocial. Dadas essas circunstâncias, faria sentido que uma mulher acreditasse que a morte seja pacífica ou até mesmo uma saída possível aos sofrimentos da vida.

Embora Nagafuchi (2017) traga a questão da desigualdade abordando a questão dos direitos do público lésbico, gay, bissexual, transexual, queer, intersexual e outros (LGBTQI+), suas palavras cabem aqui também no contexto de gênero e serão tomadas por essa perspectiva. Para o autor, sujeitos que se percebem constantemente diminuídos e não reconhecidos enquanto indivíduo e existência são marginalizados e visualizam o suicídio como possibilidade real. Se considerarmos o suicídio como uma injustiça social, é possível pensar que as pessoas que se encontram às margens enxergam um caminho de desesperança e falta de perspectiva, o que, de fato, poderia nos ajudar a compreender o suicídio, e em especial o feminino.

Muito pouco se encontra publicado sobre as relações entre suicídio e mulheres. Nesse sentido, concernem ao meio acadêmico novas pesquisas e teorizações acerca desses assuntos, que vêm sendo muito discutidos em separado, porém pouco considerados enquanto análogos. É a partir desse viés que surge a intenção para a realização desse trabalho, que visa compreender o que vem sendo publicado no que diz respeito ao suicídio entre mulheres no Brasil e o que necessita de novas pesquisas na área.

Método

Desenho Metodológico

Como exposto por Santos (2000, p.17), “pesquisar é o exercício intencional da pura atividade intelectual, visando melhorar as condições práticas da existência”, ou seja, a pesquisa é o foco da atividade intelectual de um ou mais indivíduos com o objetivo de compreender, aprimorar e modificar a realidade existente de forma a trazer melhorias à vida de um grupo específico de pessoas.

Pensando nisso, a noção de pesquisa abrange diversas formas de se buscar soluções aos problemas da humanidade. Visando a melhor compreensão do leitor acerca do método utilizado, opta-se aqui por definir esse trabalho como uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório, que visa compreender melhor o estudo da temática do suicídio entre mulheres existente no Brasil.

Estratégias de localização das referências

Para a realização da compilação teórica utilizada ao longo deste trabalho, foram realizadas consultas às bases de dados Scientific Eletronic Library Online Brasil e Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde e ao portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (SciELO-Brasil, LILACS e PePSIC, respectivamente), utilizando os descritores “suicídio” e “mulheres” e com limite no intervalo entre os anos de 2013 e 2018, de forma a encontrar publicações científicas que contivessem tais palavras-chave. Tais consultas foram encerradas em 2018, e os descritores utilizados foram escolhidos por produzirem melhores resultados nas bases de dados em relação a outros descritores previamente utilizados, possibilitando a obtenção de publicações mais precisas. A pesquisa foi realizada nos campos “todos os índices” e “ano de publicação” nas bases SciELO-Brasil e PePSIC, e com os equivalentes “palavras” e “país, ano de publicação” na base LILACS.

Estratégias de seleção das referências

Todos os títulos encontrados foram cruzados de forma a localizar possíveis publicações duplicadas entre as bases de dados e eliminá-las. As publicações restantes passaram por uma análise inicial por meio de uma leitura preliminar, de forma a determinar

quais publicações se encaixavam nos critérios estabelecidos para análise final: (1) serem artigos acadêmicos – não se encaixando aqui teses ou dissertações sobre o tema –; (2) serem publicações nacionais; (3) terem relação explícita com os dois descritores utilizados nas bases de dados ao mesmo tempo (“suicídio” e “mulheres”). No momento em que esses artigos foram consultados, o site do SciELO-Brasil foi considerado enquanto uma base de dados, embora seja em realidade um repositório de informações.

Estratégias de avaliação das referências

Os artigos finais foram submetidos a uma extensa leitura, de forma a analisar os pormenores relacionados às pesquisas, suas localidades, sua temática, seus achados e suas conclusões. A partir disso, a análise acerca desses aspectos foi dividida e organizada em 7 dimensões diferentes, de forma a facilitar a compreensão dos detalhes referentes a cada artigo analisado, a saber: (I) fonte/ano de publicação; (II) abordagem metodológica e delineamento de pesquisa; (III) objetivos; (IV) amostra; (V) instrumentos; (VI) localidade da pesquisa e (VII) principais achados.

Resultados e Discussão

Foram encontradas 99 publicações científicas nacionais e internacionais nas bases de dados consultadas, sendo 60 na LILACS (com 4 publicações repetidas na própria base de dados), 33 na SciELO-Brasil e 6 na PePSIC. Dessas publicações, 38 foram eliminadas sob o critério de duplicidade entre bases de dados. Posteriormente, as 61 publicações restantes foram submetidas aos 3 quesitos para análise final, e destas publicações, 48 foram retiradas por terem sido consideradas não condizentes com os requisitos pré-estabelecidos.

As eliminadas foram classificadas de acordo com suas especificidades, sendo 1 tese de mestrado, 1 tese de doutorado e 1 ensaio (violação do critério “artigos acadêmicos”), 5 pesquisas estrangeiras (violação do quesito “publicações nacionais”), 31 pesquisas gerais sobre suicídio (não específicas sobre mulheres) e 9 não relacionados a nenhum dos descritores (violação do quesito “relação explícita com os descritores”). Desta forma, o total de artigos final a ser analisado para os fins propostos por essa revisão foi de 13 artigos.

Assim, 13 das 99 referências inicialmente localizadas compõem o *corpus*: Alves, Alves, Antunes e Santos (2013), Silva Júnior, Monteiro, Veloso, Sales, Costa e Gonçalves

(2018), Meneghel, Moura, Hesler e Gutierrez (2015), Ceccon, Meneghel e Hirakata (2014), Takahama, Turini e Giroto (2014), Trevisan, Santos e Oliveira (2013), Silva, Sousa, Vieira, Caldas e Minayo (2018), Benute, Bordini, Juhas, Cabar, Pereira, de Lucia e Francisco (2016), Correia, Gomes, Couto, Rodrigues, Erdmann e Diniz (2014), Cedaro e Nascimento (2013), Delziovo, Bolsoni, Nazário e Coelho (2017), Minayo e Cavalcante (2013b) e Maciel, Castro e Lawrenz (2014).

I - Fonte/ano de publicação

Em relação à primeira das dimensões analisadas (fonte/ano de publicação), 2 dos artigos encontram-se publicados na Revista Saúde Pública (Alves et al., 2013 e Ceccon et al., 2014), 2 na revista Ciência e Saúde Coletiva (Meneghel et al., 2015 e Takahama et al., 2014), 1 na Acta Paulista de Enfermagem (Silva Júnior et al., 2018), 1 na Revista Mineira de Enfermagem (Trevisan et al., 2013), 1 na Revista Brasileira de Enfermagem (Silva et al., 2018), 1 na Texto Contexto Enfermagem (Correia et al., 2014), 1 na Medical Express (Benute et al., 2016), 1 na revista Psicologia USP (Cedaro & Nascimento, 2013), 2 no Caderno Saúde Pública (Delziovo et al., 2017, e Minayo & Cavalcante, 2013b) e 1 na Temas em Psicologia (Maciel et al., 2014).

Observando esses dados, é possível perceber que apenas 2 das 13 publicações se encontram em periódicos da área de Psicologia, e que em contrapartida, 4 artigos estão publicados em revistas de Enfermagem, 1 em uma revista de Medicina e os outros 7 artigos foram publicados em revistas sobre saúde pública e/ou coletiva, com alcance mais amplo dos profissionais da área da saúde ou do meio acadêmico em um geral.

Isso demonstra a percepção acadêmica da questão do suicídio enquanto um problema de saúde pública mais do que um problema de saúde mental, uma vez que o suicídio é entendido enquanto violência autoinfligida e que médicos, pesquisadores e sistemas da saúde pública têm avançado no estudo e nas ações contra a violência desde a década de 1980 (Dahlberg & Krug, 2007). Ainda assim, ressalta-se aqui a recomendação de que mais publicações sejam realizadas em periódicos da área de Psicologia, de forma a melhor informar os profissionais da área no que diz respeito ao assunto e também para impulsionar novas pesquisas.

Quanto aos anos de publicação dos artigos em questão, 8 dos artigos analisados foram publicados entre 2013 e 2014 (Alves et al., 2013, Trevisan et al., 2013, Cedaro & Nascimento, 2013, Minayo & Cavalcante, 2013b, Ceccon et al., 2014, Takahama et al., 2014, Correia et

al., 2014 e Maciel et al., 2014). 1 artigo foi publicado em 2015 (Meneghel et al.), 1 em 2016 (Benute et al.), 1 em 2017 (Delziovo et al.) e 2 em 2018 (Silva Júnior et al. e Silva et al.).

A predominância dos artigos entre os anos de 2013 e 2014 coincide com um período de grandes discussões sobre suicídio não só no Brasil, mas mundialmente. Em 2013, entrou em vigor o Plano de Ação de Saúde Mental 2013-2020 da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2013), parte do programa de saúde mental da OMS e através do qual seus Estados-Membros se comprometeram a diminuir as taxas de suicídio de seus países em 10% até o ano de 2020.

Em 2014, por sua vez, houve a publicação do Relatório sobre Suicídio também da OMS (2014), o primeiro documento da organização exclusivamente sobre prevenção ao suicídio, e que infelizmente ainda não se encontra oficialmente traduzido para o português. No Brasil, foi também em 2014 que se iniciaram as campanhas relacionadas ao Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio – 10 de Setembro -, que em território nacional ficaram conhecidas como parte do movimento Setembro Amarelo, o mês de prevenção ao suicídio.

Sobre o aumento de publicações referentes a temática do suicídio nos anos de 2017 e 2018 em relação aos dois anos anteriores, o fato coincide com a publicação do Boletim Epidemiológico de Tentativas e Óbitos por Suicídio no Brasil, realizado pela Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, em 2017, que traz um perfil epidemiológico das tentativas e óbitos por suicídio no Brasil e discute a rede de atenção à saúde. Ainda em 2017, a linha telefônica 188 de chamadas para o Centro de Valorização da Vida (<https://www.cvv.org.br/o-cvv/>, recuperado em 12 Fevereiro, 2019) passou a ser expandida para todo o território nacional, possibilitando maior alcance aos indivíduos com ideação suicida.

II - Abordagem Metodológica e Delineamento de Pesquisa

No que diz respeito à abordagem metodológica utilizada pelos artigos analisados, 6 artigos realizaram pesquisas qualitativas (Meneghel et al., 2015, Ceccon et al., 2014, Silva et al., 2018, Correia et al., 2014, Cedaro & Nascimento, 2013 e Maciel et al., 2014), 6 artigos realizaram pesquisas quali-quantitativas (Alves et al., 2013, Silva Júnior et al., 2018, Takahama et al., 2014, Benute et al., 2016, Delziovo et al., 2017 e Minayo & Cavalcante, 2013b) e 1 artigo realizou pesquisa quantitativa (Trevisan et al., 2013).

A predominância de pesquisas qualitativas e/ou com embasamento majoritariamente qualitativo demonstra um maior interesse acadêmico pelas relações entre o suicídio de mulheres e outras mazelas da vida cotidiana, como violência, uso de drogas, transtornos

mentais, vivências da terceira idade, relações de gênero, entre outros. Isso se dá porque ao passo que pesquisas quantitativas compreendem suas áreas de investigação por meio da análise numérica e estatística de seus dados, as pesquisas qualitativas se apoiam na análise subjetiva dos dados obtidos, permitindo maior evidência das relações postas entre o objeto da análise e o panorama social, histórico, político e econômico do contexto pesquisado.

De acordo com Minayo & Sanches (1993), como citado por Serapioni (2000, p.188), “a investigação quantitativa atua em níveis de realidade e tem como objetivo trazer à luz dados, indicadores e tendências observáveis. A investigação qualitativa, ao contrário, trabalha com *valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões*”. A utilização de dados empíricos que explicitam a questão de forma pragmática e estatística é de suma importância, mas uma parte considerável dos dados existentes sobre o suicídio no mundo já é de cunho quantitativo, seja por meio de dados da OMS, de organizações governamentais ou dos meios de comunicação. Além disso, dos 13 artigos analisados, 11 são de cunho exploratório, ao passo que apenas dois se encontram classificados como descritivos – a saber, Trevisan et al. (2013) e Delziovo et al. (2017).

O fato da maior parte dos artigos visar ser exploratório sugere a escassez de pesquisas relacionadas ao suicídio feminino no Brasil e a necessidade de que novos estudos sejam desenvolvidos, de forma a promover uma maior quantidade de dados para que novas pesquisas sobre o tema sejam capazes de responder suas perguntas a partir do que já foi pesquisado, além de permitir maiores elaborações a respeito do assunto em questão e às possíveis formas de pensar, entender e agir frente à problemática apresentada.

III – Objetivos

Em relação aos objetivos de pesquisa e como explicitado na Tabela 1, 6 artigos visavam investigar a ligação entre tentativas de suicídio e/ou o suicídios consumados com violências de gênero, sociais, domésticas e sexuais – sendo 3 desses artigos focados em mulheres idosas, a saber Meneghel et al. (2015), Silva et al. (2018) e Minayo e Cavalcante (2013b). 2 artigos investigavam a relação entre causas de morte externas e mal definidas de mulheres com gravidez, puerpério precoce ou abortos por gravidezes ectópicas (Alves et al., 2013 e Benute et al., 2016), enquanto 2 outros focavam em dados e perfis de hospitalizações e/ou tentativas de suicídio relacionadas à exposição medicamentosa (Takahama et al., 2014 e Trevisan et al., 2013). 1 artigo investigava a relação tentativa de suicídio/consumo de drogas (Silva Júnior et al., 2018), 1 abordava a prática da automutilação feminina e suas relações

com o suicídio (Cedaro & Nascimento, 2013) e 1 buscava compreender o uso de fogo como dispositivo para o suicídio (Maciel et al., 2014).

Tabela 1

Objetivos de pesquisa em relação aos artigos analisados

Objetivos	Artigos analisados
Tentativas de suicídio/suicídios consumados e suas relações com violências de gênero, sociais, domésticas e sexuais	Ceccon, Meneghel e Hirakata (2014); Correia et al. (2014) Delziovo, Bolsoni, Nazário e Coelho (2017); Meneghel, Moura, Husler e Gutierrez (2015)*; Silva, Sousa, Vieira, Caldas e Minayo (2018)* e Minayo e Cavalcante (2013b)*;
Causas de morte externas e mal definidas de mulheres com gravidez, puerpério precoce ou abortos por gravidezes ectópicas	Alves, Alves, Antunes e Santos (2013) e Benute et al. (2016);
Dados e perfis de hospitalizações e/ou tentativas de suicídio relacionadas à exposição medicamentosa	Takahama, Turini e Giroto (2014) e Trevisan, Santos e Oliveira (2013);
Relação tentativa de suicídio/consumo de drogas	Silva Júnior et al. (2018);
Prática da automutilação feminina e suas relações com o suicídio	Cedaro e Nascimento (2013);
Uso de fogo como dispositivo para o suicídio	Maciel, Castro e Lawrenz (2014);

**Enfoque em mulheres idosas*

O fato de que 6 dos 13 artigos analisados possuíam como objeto de estudo tentativas de suicídio/suicídios consumados e suas relações com violências de gênero, sociais, domésticas e sexuais demonstra a crescente preocupação com o papel social ocupado pela mulher ao longo de toda sua trajetória de vida e as consequências da vivência desse papel imposto para sua saúde psicológica.

Como assinalado por Giffin (1994), a perpetuação da violência tem relação direta com a distribuição social dos espaços, ou seja, ao passo que os homens sofrem mais violência nos espaços públicos, às mulheres em sua maioria é principalmente reservado o espaço doméstico para o sofrimento das práticas violentas, sejam elas físicas, verbais ou sexuais, grande parte

das vezes realizadas por pessoas conhecidas por essas mulheres, ao passo que também sofrem muito mais violência nos espaços públicos do que os homens. De acordo com Heise (1994, apud Giffin, 1994), a violência de gênero pode levar a consequências graves para a saúde física e psíquica dessas mulheres, e dentre as fatais, pode-se listar o homicídio e o suicídio enquanto consequências diretas do abuso físico, psicológico e sexual.

IV – Amostra

Analisando a quarta dimensão a partir da Tabela 2, percebe-se que 3 dos 13 artigos analisados utilizaram como amostra mulheres atendidas pelo Sistema de Saúde brasileiro, 1 artigo usou como amostra mulheres diagnosticadas com gravidezes ectópicas, e 4 dos 13 artigos analisados trabalharam com mulheres cujas tentativas de suicídio foram realizadas através do uso de medicação. Outros 3 artigos trabalharam com mulheres idosas, 1 com notificações de violência sexual e 1 com obituários e prontuários.

Tabela 2

Caracterização da amostra dos artigos analisados

Amostra	Artigos analisados
Mulheres atendidas pelo Sistema de Saúde	Silva Júnior et al. (2018), Cecon, Meneghel e Hirakata (2014) e Cedaro e Nascimento (2013);
Mulheres diagnosticadas com gravidezes ectópicas	Benute et al. (2016);
Mulheres expostas a medicamentos e/ou intoxicadas	Takahama, Turini e Girotto (2014), Trevisan, Santos e Oliveira (2013), Correia et al. (2014) e Maciel, Castro e Lawrenz (2014);
Mulheres idosas	Meneghel, Moura, Hesler e Gutierrez (2015), Silva, Sousa, Vieira, Caldas e Minayo (2018) e Minayo e Cavalcante (2013b);
Notificações de violência sexual	Delziovo, Bolsoni, Nazário e Coelho (2017);

O fato de que 4 dos 13 artigos analisados – a maior quantidade por amostra - possuíam como amostra “mulheres expostas a medicamentos e/ou intoxicadas” coincide com dados de intoxicação exógena citados por Santos, Legay e Lovisi (2014) a partir de um compilado de pesquisas de diversos autores, que expõe que aproximadamente 70% dos casos notificados de tentativas de suicídio e suicídios consumados ocorrem por conta de intoxicações exógenas no Brasil.

Em sua pesquisa, os citados autores encontraram taxas de tentativas de suicídio por intoxicação mais altas entre mulheres de 10 a 29 anos do que entre homens da mesma faixa etária, e no que diz respeito à utilização de medicamentos nas tentativas, as mulheres apresentaram quase o dobro dos registros do que os homens (63,6% e 32,7%, respectivamente).

Sobre as tentativas que resultaram em óbito, as mulheres também representam um percentual maior do que os homens quando considerados os números de intoxicação medicamentosa. Considerando estes dados, torna-se possível compreender o enfoque dos artigos analisados na temática de exposição medicamentosa e intoxicação no que diz respeito às tentativas de suicídio realizadas por mulheres no país, visto que os dados mais recentes apontam para o crescimento desproporcional da problemática, em especial entre mulheres jovens.

V – Instrumentos

No que diz respeito aos instrumentos utilizados pelos artigos analisados, é possível perceber como exposto na Tabela 3 que todas as referências estudadas se utilizaram de instrumentos distintos entre si, havendo coincidência apenas na utilização de entrevistas (em sua maioria semiestruturada), tanto para mulheres adultas como para idosas – Meneghel et al. (2015), Silva et al. (2018), Benute et al. (2016), Correia et al. (2014) e Maciel et al. (2014).

Tabela 3

Relação entre os instrumentos utilizados e os artigos analisados

Instrumentos utilizados	Artigos analisados
Entrevista	Meneghel, Moura, Hesler e Gutierrez (2015), Silva, Sousa, Vieira, Caldas e Minayo (2018), Benute et al. (2016), Correia et al. (2014) e Maciel, Castro e Lawrenz (2014);
<i>Reproductive Age Mortality Survey</i> ; Conjunto de instrumentos de investigação padronizados. Laudos do Instituto Médico Legal; Prontuários hospitalares e da Estratégia Saúde da Família; Entrevistas com os familiares das mulheres falecidas; Formulário para caracterização sociodemográfica; <i>Non-Student Drugs Use Questionnaire</i> (NSDUQ -consumo de drogas); <i>Self-Reporting Questionnaire</i> (SRQ-20 - ideiação suicida);	Alves, Alves, Antunes e Santos (2013); Silva Júnior et al. (2018);
<i>World Health Organization Violence Against Women</i> ; <i>Suicide Ideation Questionnaire</i> ; Questionário em entrevistas individuais, com questões sobre características sociodemográficas, sexuais e reprodutivas, clínicas e presença de violência de gênero e ideiação suicida; Sistema de Informação de Agravos de Notificação;	Ceccon, Meneghel e Hirakata (2014); Takahama, Turini e Giroto (2014);
Fichas de ocorrência toxicológica;	Trevisan, Santos e Oliveira (2013);
<i>Questionário Primary Care Evaluation of Mental Disorders</i> ; <i>Questionário Prenatal Psychosocial Profile</i> ;	Benute et al. (2016);
<i>Teste de Associação Livre de Palavras</i> ;	Correia et al. (2014);

Fragmentos de falas;	Cedaro e Nascimento (2013);
Dados inseridos no Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (SINAN VIVA Contínuo);	Delziovo, Bolsoni, Nazário e Coelho (2017);
Autópsia psicossocial; Bancos oficiais sobre mortalidade; Laudos periciais; Registros de óbito em cartório; Registros hospitalares e informações de profissionais que atuam no Sistema Único de Saúde de dez municípios brasileiros das cinco regiões do país;	Minayo e Cavalcante (2013b);
<i>Questionário de Dados Sociodemográficos e Clínicos;</i>	Maciel, Castro e Lawrenz (2014);

A utilização de entrevistas semiestruturadas enquanto instrumentos de obtenção de dados para posterior análise reafirma o aspecto subjetivo das pesquisas analisadas e também o caráter exploratório dos artigos em questão, uma vez que permite aos pesquisadores a elaboração de questões especificamente direcionadas aos seus objetos de pesquisa e a flexibilização dos caminhos trilhados ao longo da organização dos principais achados e das conclusões frente aos dados obtidos, além de possibilitar maior fluidez e adaptação das hipóteses do trabalho frente aos dados particulares obtidos em cada entrevista.

VI – Localidade da Pesquisa

A partir da análise da Tabela 4, é possível perceber que a maior parte das pesquisas analisadas foram realizadas através de dados da região Sul do país, seguido pelos artigos realizados com dados das regiões Nordeste, Sudeste, Norte e Centro-Oeste, respectivamente. Dos 13 artigos analisados, a maioria focou em uma região específica do país, com exceção de Meneghel et al. (2015) e Minayo e Cavalcante (2013b), que coletaram dados de todas as cinco regiões brasileiras.

A prevalência de pesquisas com enfoque na região Sul do país vai de encontro com o levantamento realizado pela Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (Brasil, 2017), que aponta que a maior parte dos casos de tentativas de suicídio no país é registrada majoritariamente nas regiões Sudeste, Sul, Nordeste, Centro-Oeste e Norte, respectivamente. Sabe-se também que a região Sudeste possui quase o dobro das notificações de lesões autoprovocadas e cerca de 10% mais notificações de tentativas de suicídio do que a região Sul do país.

Ainda que considerando as subnotificações de cada região do Brasil e seus contextos históricos, sociais e econômicos, fica evidente a necessidade de que mais pesquisas sejam realizadas com enfoque na região Sudeste, uma vez que nela se concentra a maior parte da população e da economia brasileira, e com isso também a maior competitividade nos setores trabalhistas, educacionais e socioculturais. Percebe-se também a necessidade de que novas pesquisas foquem suas análises nas regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste do Brasil, que também sofrem com taxas alarmantes de automutilações, tentativas de suicídio e suicídios consumados.

Tabela 4

Relação entre os artigos analisados e a região do Brasil onde se localizam

Região brasileira	Artigos analisados
Sul	Meneghel, Moura, Hesler e Gutierrez (2015); Ceccon, Meneghel e Hirakata (2014); Takahama, Turini e Giroto (2014); Trevisan, Santos e Oliveira (2013); Correia et al. (2014); Delziovo, Bolsoni, Nazário e Coelho (2017); Minayo e Cavalcante (2013b) e Maciel, Castro e Lawrenz (2014);
Nordeste	Alves, Alves, Antunes e Santos (2013); Silva Júnior et al. (2018); Meneghel, Moura, Hesler e Gutierrez (2015); Silva, Sousa, Vieira, Caldas e Minayo (2018) e Minayo e Cavalcante (2013b);
Sudeste	Meneghel, Moura, Hesler e Gutierrez (2015); Benute et al. (2016); Minayo e Cavalcante (2013b);

Norte	Meneghel, Moura, Hesler e Gutierrez (2015); Cedaro e Nascimento (2013) e Minayo e Cavalcante (2013b);
Centro-Oeste	Meneghel, Moura, Hesler e Gutierrez (2015) e Minayo e Cavalcante (2013b);

VII – Principais Achados

É estimado que aconteçam cerca de 10 a 25 tentativas de suicídio para cada suicídio consumado, e isso faz da tentativa um grande fator de risco se considerarmos que cerca de 50% das pessoas que se suicidam realizaram uma tentativa prévia que não resultou em morte (Rigo, 2013). Desta forma, os artigos cujo enfoque permaneceu nas tentativas de suicídio também foram considerados na realização desse trabalho, uma vez que se entendeu que as tentativas são tão importantes quanto os suicídios consumados.

O fato de que quase metade dos artigos analisados – Meneghel, et al. (2015), Ceccon et al. (2014), Silva et al. (2018), Correia et al. (2014), Delziovio et al. (2017), Minayo e Cavalcante (2013b) - tiveram como objetivo a investigação da relação entre violências de gênero e suicídio escancara uma problemática ainda muito presente no cotidiano brasileiro, onde entre outras coisas, mulheres se percebem realizando jornadas duplas de trabalho, se desdobrando entre o emprego formal e o trabalho doméstico, muitas das vezes sem contar com o apoio de seus companheiros e sendo submetidas a humilhações e violências domésticas, sociais e históricas.

Por vezes, essa jornada as deixa tão exaustas que seus cônjuges passam a enxergá-las enquanto seres inferiores, o que acarreta na violência sofrida dentro de suas próprias casas (Leite & Noronha, 2015). De acordo com as citadas autoras, a maior parte das pessoas acometidas por transtornos como ansiedade, depressão e pânico são as mulheres, justamente por sua rotina estressante e a falta de compreensão e ajuda dos homens que as circundam, uma vez que isso culmina na sobrecarga física e mental que as esgota e pode levá-las a considerar e/ou tentar a automutilação e o suicídio.

Essa, inclusive, é uma questão histórica, como destacado por Marquetti e Marquetti (2017) no que concerne a mulher grega da Antiguidade, que já sofria com a sobrecarga e o silenciamento social pautado nas questões de gênero e por vezes tirava a própria vida

especificamente no quarto do casal, como forma de protesto ao papel matrimonial e materno feminino e ao machismo estrutural vigente já desde aquele momento.

Cabe destacar também as diferenças de métodos utilizados nas tentativas entre homens e mulheres, uma vez que as mulheres tentam mais o suicídio do que os homens, mas em contrapartida chegam ao óbito com menor frequência do que seus pares por utilizarem métodos menos violentos e também menos letais. O fato de que mais homens morrem por vias de suicídio do que mulheres, entretanto, não deve ser utilizado como forma de encobrir as condições de vida opressoras e de exploração das mulheres, dado que vivem em uma sociedade historicamente machista e desigual (Berenchtein, 2013).

Sobre a parcela desses artigos relacionada a mulheres idosas – Meneghel et al. (2015), Silva et al. (2018) e Minayo e Cavalcante (2013b) -, Minayo e Cavalcante (2013a) expõe os dados de que em diversos países o grupo de pessoas com 65 anos ou mais é o que apresenta maior risco para suicídio, e que a maior parte dos idosos que cometeram suicídio possuía algum transtorno mental.

Há um consenso entre as referências citadas no que diz respeito à violência sofrida por essas mulheres ao longo de toda a vida, iniciando-se de forma intrafamiliar com a educação de gênero, passando pelos casamentos arranjados e a falta de liberdade de expressão e culminando na destituição da autonomia na velhice, tudo isso perpassando abusos físicos, verbais e psicológicos. Essa violência apresenta relação direta com a ideação suicida dessas mulheres, uma vez que produz sentimentos de aprisionamento, vazio e inutilidade ao longo dos anos e possibilita o surgimento da noção da morte como a única saída possível aos sofrimentos vividos.

Sobre os artigos com foco na relação entre causas de morte externas e mal definidas de mulheres com gravidez, puerpério precoce ou abortos por gravidezes ectópicas – Alves et al. (2013) e Benute et al. (2016) -, Fonseca-Machado, Alves, Haas, Monteiro e Gomes-Sponholz (2015) trazem dados que apontam que o suicídio e as automutilações estão entre as principais causas de morte e incapacidade de mulheres no período gestacional e puerperal, estando intimamente relacionados à desigualdade de gênero. Benute et al. (2016) discutem também que a depressão e o estresse coloca essas mulheres em situação de vulnerabilidade e possibilita o surgimento de intensas reações emocionais, direcionando-as à ideação suicida. Esses dados sugerem a premência de novas pesquisas na área.

Analizando os artigos que tratavam de hospitalizações e/ou tentativas de suicídio relacionadas à exposição medicamentosa – Takahama et al. (2014) e Trevisan et al. (2013) -, encontra-se que a maior parte das internações analisadas teve o uso de medicamentos como

principal meio das tentativas de suicídio registradas, sendo que em grande parte os medicamentos eram psicoativos de uso próprio dessas mulheres. Isso aponta para a necessidade da realização de novos estudos sobre hospitalizações e intoxicações femininas para que as tentativas de suicídio feminino possam ser melhor investigadas e soluções possam ser pensadas para a problemática da vulnerabilidade social da mulher.

Sobre as relações entre suicídio e consumo de drogas/automutilação – Silva Júnior et al. (2018) e Cedaro e Nascimento (2013) – os artigos analisados apontam para a necessidade de uma melhor investigação da prática automutiladora no que diz respeito ao seu grau de intensidade nas mulheres que o praticam, uma vez que automutilações de maior intensidade indicam maior desorganização psíquica no que diz respeito às pulsões autodirigidas, embora também apresentem uma tentativa de dissociação ou autopreservação na forma de um compromisso interno que substitui a completa autoaniquilação do sujeito.

No caso das tentativas não premeditadas, os autores encontraram características impulsivas das mulheres internadas, que utilizaram o ato como forma de atingir pessoas próximas, como companheiros e filhos, por exemplo. Destaco aqui a necessidade de maiores investigações acerca do assunto como forma de compreender melhor o tom violento e sádico de tentativas de suicídio agressivas em mulheres, temática pouco explorada pelo meio acadêmico.

Por fim, no que diz respeito ao uso de fogo como dispositivo para o suicídio – Maciel, Castro e Lawrenz (2014) -, todos os casos analisados dizem respeito a mulheres adultas que, de maneira premeditada ou não, escolheram o fogo como forma de possibilitar o suicídio por acreditarem que seria o método mais eficaz para levá-las a morte. As consequências dessas ações mostram o caráter impulsivo da tentativa de suicídio por meio do fogo e também o desconhecimento dos aspectos físicos e psíquicos resultantes da prática de atear-se fogo na tentativa de tirar a própria vida.

Considerações Finais

A partir das análises realizadas ao longo desse artigo, torna-se possível perceber que existe um número muito pequeno de publicações acerca da questão do suicídio entre mulheres no Brasil, o que demonstra a indiferença às notificações e subnotificações de suicídio feminino no país, estando as consequências disso expostas nos artigos analisados. Além disso, o número de pesquisas existentes que relacionam suicídio e mulheres no Brasil não retratam

os impactos sociais deste fenômeno, visto que é muito pequeno perto dos artigos originalmente encontrados na pesquisa inicial.

É necessário que a comunidade acadêmica realize mais estudos sobre a questão da violência de gênero e seus impactos físicos e psicológicos em mulheres de todo o país, uma vez que para prevenir os números alarmantes de tentativas de suicídio e suicídios consumados entre mulheres em todas as regiões brasileiras, faz-se necessário a realização de novos estudos com enfoque na população feminina, de forma a compreender mais a fundo os pormenores, as razões e as relações interligadas ao suicídio entre mulheres e, a partir disso, tornar possível a elaboração e implementação de políticas públicas, campanhas e redes de assistência às mulheres mais afetadas por essa questão.

Ressalta-se aqui também a necessidade da realização de novas pesquisas com enfoque nas tentativas de suicídio da população idosa brasileira, e em especial entre as mulheres, e também a necessidade de um maior monitoramento e auxílio às jovens brasileiras, que constantemente cercadas pela internet e pelas redes sociais compartilham suas angústias e ideias suicidas ativas a todo o momento e, sem ter espaços específicos onde buscar ajuda e nem profissionais disponíveis a ajuda-las, acabam por tirar suas vidas por não verem nenhuma outra saída.

Referências

- Alves, M. M. R., Alves, S. V., Antunes, M. B. de C., Santos, D. L. P. (2013). *Causas externas e mortalidade materna: proposta de classificação*. Revista Saúde Pública. (vol.47, n.2). São Paulo.
- Barros, M. N. dos S. (2013). *Introdução*. In: Conselho Federal de Psicologia. (Org.). Suicídio e os desafios para a Psicologia. (1a ed). Brasília: Conselho Federal de Psicologia, vol. 1, pp. 10-11.
- Benute, G. R. G., Bordini, D. C. N., Juhas, T. R., Cabar, F. B., Pereira, P. P., Lucia, M. C. S. de, Francisco, R. P. V. (2016). *Depression, stress and guilt are linked to the risk of suicide associated to ectopic pregnancy*. Medical Express. (vol.3, n.3). São Paulo.
- Berenchtein Netto, N. (2013a). *Capítulo VII - Perguntas respondidas por Nilson Berenchtein Netto*. In: Conselho Federal de Psicologia. (Org.). Suicídio e os desafios para a Psicologia. (1a ed.). Brasília: Conselho Federal de Psicologia, vol. 1, pp. 79-107.
- Berenchtein Netto, N. (2013b). *Suicídio: uma questão de Saúde Pública e um desafio para a Psicologia Clínica - Capítulo I*. In: Conselho Federal de Psicologia. (Org.). Suicídio e os desafios para a Psicologia. (1a ed.). Brasília: Conselho Federal de Psicologia, vol. 1, pp. 15-24.

- Ceccon, R. F., Meneghel, S. N., Hirakata, V. N. (2014). *Mulheres com HIV: violência de gênero e ideação suicida*. Revista Saúde Pública. (vol.48, n.5). pp.758-765. São Paulo.
- Cedaro, J. J., Nascimento, J. P. G. (2013). *Dor e gozo: relatos de mulheres jovens sobre automutilações*. Psicologia USP. (vol.24, n.2). pp. 203-223. São Paulo.
- Correia, C. M., Gomes, N. P., Couto, T. M. Rodrigues, A. D., Erdmann, A. L., Diniz, N. M. F. (2014). *Representações sobre o suicídio para mulheres com história de violência doméstica e tentativa do mesmo*. Texto Contexto Enferm. (vol.23, n.1). pp.118-125. Florianópolis.
- Delziovio, C. R., Bolsoni, C. C., Nazário, N. O., Coelho, E. B. S. (2017). *Características dos casos de violência sexual contra mulheres adolescentes e adultas notificados pelos serviços públicos de saúde em Santa Catarina, Brasil*. Cadernos de Saúde Pública. (vol.33, n.6). Rio de Janeiro.
- Durkheim, E. (2000). *Introdução*. In: O Suicídio: Estudo de Sociologia. (1a ed). São Paulo: Editora Martins Fontes, pp. 9-27.
- Fonseca-Machado, M. O., Alves, L. C., Haas, V. J., Monteiro, J. C. S., Gomes-Sponholz, F. (2015). *Sob a sombra da maternidade: gravidez, ideação suicida e violência por parceiro íntimo*. Rev Panam Salud Publica. (vol.37, n.4/5). pp.258–264.
- Giffin, K. (1994). *Violência de Gênero, Sexualidade e Saúde*. Cad. Saúde Pública. (vol. 10, supl. 1). Rio de Janeiro. pp.146-155.
- Kovács, M. J. (2003). *Educação para a morte: temas e reflexões*. (1a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Leite, R. M., & Noronha, R. M. L. (2015, jan./jun.). *A violência contra a mulher: herança histórica e reflexo das influências culturais e religiosas*. Revista Direito & Dialogicidade. (vol.6, n.1). Crato, CE
- Maciel, K. V., Castro, E. K., Lawrenz, P. (2014). *Os Motivos da Escolha do Fogo nas Tentativas de Suicídio Realizadas por Mulheres*. Temas em Psicologia. (vol.22, n.1). pp.195-206. Ribeirão Preto.
- Marquetti, F. R., & Marquetti, F. C. (2017). Suicídio e feminilidades. *Cadernos Pagu*, (49), e174921. Epub December 07, 2017.
- Meneghel, S. N., Moura, R., Hesler, L. Z., Gutierrez, D. M. D. (2015). *Tentativa de suicídio em mulheres idosas – uma perspectiva de gênero*. Ciência & Saúde Coletiva [online]. (vol.20, n.6). pp.1721-1730.
- Minayo, M. C. de S., Cavalcante, F. G. (2013a). *Diferentes faces da depressão no suicídio em idosos*. Ciência e Saúde Coletiva. (vol.18, n.10). pp.2985-2994.
- Minayo, M. C. de S., Cavalcante, F. G. (2013b). *Estudo compreensivo sobre suicídio de mulheres idosas de sete cidades brasileiras*. Cadernos de Saúde Pública. (vol.29, n.12). Rio de Janeiro.
- Ministério da Saúde; Secretaria de Vigilância em Saúde. (2017). *Suicídio. Saber, agir e prevenir*. Recuperado em 27 de Fevereiro, 2019, de <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil->

epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf

- Morte. (2015). *Michaelis On-line*. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda. <https://michaelis.uol.com.br/>. Recuperado em 11 de Novembro de 2018, de <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/morte/>
- Nagafuchi, T. (2017). *Um Réquiem feito de Silêncios: Suicídio, Gênero e Sexualidade na Era Digital*. Tese (Doutorado em Saúde Pública). São Paulo: Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.
- Organização Mundial da Saúde. (2014). *Preventing suicide: a global imperative*. Retirado de: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/131056/9789241564779_eng.pdf;jsessionid=2CCDD3D6EC631AAF1F54087A61C678DD?sequence=1.
- Organização Pan-Americana de Saúde. (2018, agosto). *Folha Informativa – Suicídio*. Recuperado em 16 de Julho de 2019, de https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839. Brasília, DF.
- Rigo, S. C. (2013). *Capítulo III*. In: Conselho Federal de Psicologia. (Org.). *Suicídio e os desafios para a Psicologia* (1a ed). Brasília: Conselho Federal de Psicologia, vol.1, pp. 30-40.
- Santos, A. R. dos. (2000). *Capítulo 1 – Natureza teórico-prática da pesquisa científica*. In: Metodologia Científica: a Construção do Conhecimento. São Paulo: Editora Dp A, pp. 15-19.
- Santos, S. A., Legay, L. F., Lovisi, G. M. (2013) *Substâncias tóxicas e tentativas e suicídios: considerações sobre acesso e medidas restritivas*. Cad. Saúde Colet. (vol. 21, n.1). Rio de Janeiro. pp.53-61.
- Serapioni, M. (2000). *Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração*. Ciência e Saúde Coletiva. (vol.5, n.1). pp.187-192.
- Silva Júnior, F. J. G., Monteiro, C. F. de S., Veloso, L. U. P., Sales, J. C. e S., Costa, A. P. C., Gonçalves, L. de A. (2018). *Ideação suicida e consumo de drogas ilícitas por mulheres*. Acta Paulista de Enfermagem. (vol.31, n.3). pp.321-326. São Paulo.
- Silva, R. M., Sousa, G. S., Vieira, L. J. E. de S., Caldas, J. M. P., Minayo, M. C. S. (2018). *Ideação e tentativa de suicídio de mulheres idosas no nordeste do Brasil*. Rev Bras Enferm. (vol.71). Brasília.
- Suicídio. (2015). *Michaelis On-line*. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda. <https://michaelis.uol.com.br/>. Recuperado em 11 de Novembro de 2018, de <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/suicidio/>
- Takahama, C. H., Turini, C. A., Giroto, E. (2014). *Perfil das exposições a medicamentos por mulheres em idade reprodutiva atendidas por um Centro de Informações Toxicológicas*. Ciência & Saúde Coletiva [online]. (vol.19, n.4). pp.1191-1199.
- Trevisan, E. P. T., Santos, J. A. T., Oliveira, M. L. F. (2013). *Tentativa de suicídio de mulheres: dados de um centro de assistência toxicológica do Paraná*. Rev Min Enferm. (vol.17, n.2). pp.176-181. Minas Gerais.

Violência. (2015). *Michaelis On-line*. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda.
<https://michaelis.uol.com.br/>. Recuperado em 11 de Novembro de 2018, de
<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/violência/>